



REDAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Eduarda de Fátima Dantas Vidal

Universidade Estadual da Paraíba – email: edu_dadantas@hotmail.com

Ercília Maria Dantas Vidal

Universidade Estadual da Paraíba – email: emdvidal@gmail.com

Amanda Karla Viana da Silva

Universidade Estadual da Paraíba – email: am.karla@hotmail.com

Maraisa Santos Silva

Universidade Federal de Campina Grande – email: marazamorais@hotmail.com

RESUMO

A escrita é um instrumento fundamental na vida e na formação do cidadão, e por ser importante na sociedade, tem sido alvo de pesquisas para muitos estudiosos da área, tendo em vista o modo de como esta vem sendo praticada. Dessa forma, este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a artificialidade do ensino da escrita nas aulas de português, pois, as aulas de redação são estudadas de forma desigual, uma vez que a escola prioriza o ensino da gramática e da literatura, sendo a escrita, um pouco, desprezada, e sabe-se que estudar língua portuguesa é conciliar gramática, literatura e produção textual, tornando as aulas de língua materna melhor distribuídas, criando interdisciplinaridades entre elas, uma vez que todas devem estar em comunhão, umas com as outras, para um melhor e eficaz aproveitamento da disciplina, tendo em vista a importância do alunado desenvolver habilidades nesses três campos para melhor participar das atividades comunicativas humanas. Na tentativa de entender melhor esses problemas, foi realizado, através de entrevistas e conversas com alunos e professor, uma pesquisa exploratória em uma escola da rede pública para investigar se o modo de ensino da escrita adotado no ensino de produção textual é visto como dom, produto ou processo. Nossa análise está pautada nas teorias de autores como Garcez (2002), Antunes (2003), Geraldi (2007) e Sercundes (2000), que têm em comum, a visão de escrita como um processo demorado que exige reescrituras bem como destino para o texto, o que contraria com os resultados encontrados, pois, as aulas de redações, que presenciamos, foram embasadas numa escrita como produto.

Palavras-chave: Ensino; Redação; Limitações.



1 INTRODUÇÃO

Ler e escrever são duas práticas importantes na sociedade globalizada em que vivemos. Hoje, uma pessoa que não domina nenhuma dessas habilidades, pode sentir dificuldades no seu cotidiano como, por exemplo, em fazer um bolo, sacar um pagamento, pegar um ônibus, conversar com alguém via internet, assinar um documento qualquer, etc. A todo o momento estamos sujeitos a viver experiências simples como essas e, se não tivermos o conhecimento necessário para ler e entender um texto, corremos o risco de nos enganarmos ou sermos enganados.

Tendo em vista esse problema nas salas de aula, já estudados e apontados por alguns teóricos, e na tentativa de entender a causa desse fenômeno, tomamos como objeto de estudo observações de aulas de redação, de uma turma de 3º ano do ensino médio de uma escola da rede pública, na cidade de Fagundes – PB, com o intuito de, através de entrevistas com o corpo docente e discente, fazer uma pesquisa exploratória sobre como está sendo desenvolvido o ensino da escrita nas escolas. Observamos o total de cinco aulas de redação para verificar se a concepção de escrita abordada pela professora ao lecionar era vista como dom, produto ou processo.

Diante desse fenômeno que se repete a cada dia na sociedade, buscamos suportes teóricos em Garcez (2002), Antunes (2003), Geraldi (2007) e Sercundes (2000), estudiosos preocupados com o ensino de português na escola que defendem a ideia de que não produzimos um texto de uma hora para outra. Escrever é um processo que exige paciência, tempo e dedicação porque sempre se tem algo a ser mudado no texto.

2 A ESCRITA COMO INTERAÇÃO SOCIAL

As escolas são as grandes responsáveis pela educação dos filhos do cidadão brasileiro e, junto com os pais, cuidam da formação de futuros médicos, advogados, professores etc., de nosso país. Mas será que ela está fazendo o seu trabalho de maneira correta com relação ao ato de escrever? Será que os alunos estão sendo preparados para a vida? Na tentativa de dar as pessoas esse conhecimento para viver melhor, como diz o escritor e educador Rubem Alves (2011), bem como conseguir resolver problemas sem muitas dificuldades, criaram a escola que, hoje, assume o papel de preparar as pessoas para escreverem “bem”, com o intuito de serem aprovadas em vestibulares e concursos públicos, e assim, conduzir os alunos a fazerem “redações” em vez de produção textual.



Na escola, o aluno sempre está em contato com a leitura e a escrita que, em vez de serem abraçados com entusiasmo, estão sendo repulsivos para alguns estudantes. Por que será que os aprendizes não sentem prazer em ler e escrever? Segundo Geraldi (2000, p.90), “nas escolas não se leem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isso é nada mais de que simular a leitura.” Esse autor faz uma crítica ao modo como é trabalhada a leitura nas escolas e, em sua visão, percebe-se que a escrita serve apenas para atender as necessidades de responder atividades de compreensão o que desestimula o interesse do aluno por ler e escrever.

Conceituamos linguagem como um lugar de interação, onde os sujeitos se constituem pelo processo de interlocução. Portanto, a leitura, as análises linguísticas e as produções textuais são práticas interligadas com a linguagem. É nas produções textuais, portanto, que daremos ênfase, uma vez que ela é vista pelos alunos como “cruel”, quando na verdade é só uma vítima da escola.

As produções textuais, feitas nas escolas públicas, em sua maioria, são produzidas com mais frequência em séries do 3º ano Médio, visando o aluno que prestará vestibular (enfocando estruturas e corrigindo erros gramaticais).

O espaço dado às produções textuais é mínimo e quando é realizado, fica limitado apenas à sala de aula. Garcez (2002), ressalta que é através da escrita que relacionamo-nos com os outros, mas na realidade da escola, que outro seria esse? Seria apenas o professor que irá corrigir o texto de seus alunos, decepcionado por estarem mal redigidas? O aluno, ao receber sua redação corrigida, mal olha para ela, por dali não se espera mais nada. Por muitas vezes, o professor não instiga o aluno a reescrever seu próprio texto, fazendo-o ter consciência que escrever é um processo trabalhoso, pois a cada dia estamos aprendendo coisas novas e o que era encantador, hoje já não pode o ser mais. Mas, infelizmente, a função do exercício da escrita na escola é proposta, apenas, para a aplicabilidade de uma nota.

Outro ponto que não podemos deixar de mostrar é o destino que o texto ganha. Sabemos nos comunicamos através de gêneros textuais, pois, como diria Marcuschi (2008) isso seria impossível sem o uso de um texto. Com isso, se torna óbvia a noção de que sempre que escrevemos, falamos os fazemos para alguém. Por isso, é indispensável, na escola, dizermos para nossos alunos, ao solicitarmos uma texto escrito, deixar claro quem é o leitor. Geraldi (2006), defende a importância de atribuir um destino aos textos que não seja os de pararem nos cestos de lixo depois de corrigidos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

É preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele. (GERALDI, 2006, p. 59)

Escrever sem saber qual seu destino torna-se uma tarefa ineficaz, pois falta a referência do outro, a quem todo texto deve se adequar. Não podemos escrever para “ninguém” porque isso seria ilógico, pois, escrever significa interagir com o outro, e por que não trabalhar essa realidade com nossos alunos? O professor deve ser criativo e forjar situações comunicativas em que os alunos possam interagir com o outro utilizando a escrita, desse modo, o aluno começará a enxergar sentido no que se está sendo ensinado na escola.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, Apud ANTUNES, 2003, p. 47)

O professor não pode, sob hipótese alguma, insistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário, sem referência, porque seu público se sentirá incomodado ao se deparar com essa proposta artificial na qual não consegue enxergar sentido por fugir do contexto socio-histórico-cultural não só dele mas também de toda comunidade escolar, pois, utilizamos a escrita para comunicar algo a alguém. O “outro” sempre está presente na produção de texto do “eu”. E diante de tantas situações comunicativas envolvendo o uso de diversos gêneros textuais que podem ser trabalhados em sala de aula, por que o professor se limita a criar uma situação comunicativa fictícia, em que ignora a atuação de sujeitos? Talvez a sua concepção de escrita seja um pouco ultrapassada, e leve nossos alunos a escrever do nada, para nada, e para ninguém.

Além disso, é preciso conscientizar nossos alunos que escrever dá trabalho, por isso não escrevemos um bom texto de uma hora para outra, muito tempo, paciência e insistência fazem parte desse processo de produção textual. Concordamos com Garcez (2002), quando diz que o texto nunca está pronto, sempre precisa ser submetido a uma leitura cuidadosa, modificando, acrescentando, retirando palavras ou frases que julgamos não serem dignas de emprego em determinadas posições no texto.

3 O DESCASO DA ESCOLA PARA COM O ENSINO DE REDAÇÃO



No dia 22 de setembro de 2015, pedimos permissão a professora de português, que lecionava em uma turma de 3º ano do ensino médio numa escola da rede pública da cidade de Fagundes – PB, para que suas aulas de produção textual pudessem ser observadas por nós. No primeiro momento, ela falou que por ensinar gramática, literatura e produção textual talvez não pudesse ajudar porque estava concluindo assuntos de gramática e de literatura, mas, iria pensar, e se caso não prejudicasse as suas aulas, prepararia uma aula de produção textual para essa ocasião.

Essa posição da professora denuncia uma instituição cuja escrita é menos relevante que o ensino de gramática e literatura. Não se dar muita importância a esse ramo, deixando-o de lado para fazerem outras coisas que julgam ser “mais importante” para o aluno passar em vestibulares e concursos. Não estamos propondo o abandono à gramática e a literatura, pelo contrário, eles também fundamentam a formação do cidadão. Mas a escrita, como diz Antunes (2003), “é uma atividade de expressão de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos compartilhar com alguém, para, de algum modo, interagir”. Portanto, esse escrever, não é mais, nem menos importante que outras atividades humanas, mas está presente na maioria delas. Por isso, o exercício da escrita na escola, não pode ser marginalizada, pois convivemos a todo momento com ela, e se não praticarmos com frequência, será difícil alcançar os objetivos pretendidos, pois ela possui uma relação íntima com as práticas sociais do mundo moderno.

Todo ato de escrita é uma prática social. Não se escreve por escrever. A escrita tem um sentido e uma função [...] Para nós, vale o escrito. Pela escrita estamos atuando no mundo, estamos nos relacionando com outros e nos constituindo como autores, como sujeitos de uma voz. (GARCEZ, 2002, p. 8)

Numa conversa espontânea com uma aluna, ela revela que há na escola apenas um profissional para dar conta de gramática, literatura e produção textual e, segundo ela, isso prejudica muito as aulas de produção textual, pois o tempo reservado para a mesma é pouco, sacrificando a maior parte do conteúdo programado, de redação para o ano letivo. “A escola dedica um tempo muito pequeno para a produção de textos, e isso pode prejudicar os alunos”, afirma a aluna. Assim, como podemos nos constituir como dono de uma voz social para interagir com o mundo como afirma Garcez? Esse ato faz parte da vida de todo ser humano, e é fundamental para que o mundo possa ter mais sentido para os sujeitos.

Por outro lado, o fato da escola ter apenas um profissional que saiba organizar o tempo para ensinar essa três áreas é muito vantajoso, porque ele vai saber articular gramática, literatura e



produção de textual, relacionando-os de modo que não corra perigo do aluno perder o gosto por nenhuma dessas disciplinas. Se numa aula de gramática são utilizados trechos de obras literárias de um determinado autor, pode acontecer do aluno, se não gostar de gramática, desgostar-se também de literatura.

3.1 AS AULAS DE REDAÇÃO

No dia 25, a professora concedeu a permissão para a observação das aulas dos dias 29 de setembro e 03 de outubro, sendo que seriam as outras três dando total de cinco aulas. No primeiro dia, a professora iniciou apresentando o tema que iria ser trabalhado nas próximas aulas daquela semana e uma atividade para que os alunos, em dupla, escrevessem o que entendiam sobre o tema que seria explorado (preconceito), gerando uma discussão acerca do assunto.

O tema era amplo e deixava os alunos livres para escolherem falar sobre o tipo de preconceito que quisessem, seja ele racismo, preconceito contra os migrantes, e mulheres etc., já que vivemos numa sociedade heterogênea onde as pessoas se diferem das outras pelo modo de se comportarem, se vestirem, por opção sexual, cor de pele etc., e a atividade proposta levariam os alunos a expor suas ideias e opiniões acerca do tema.

No segundo dia, foi retomada a discussão das ideias da última aula e, logo após, fizeram o que a professora chamou de “comentário espontâneo e geral da turma”, lendo o que escreveram. Em seguida a mesma faz uma retomada do gênero já trabalhado em sala (editorial) e, como já se aproximava das provas do ENEM, o foco principal foi a dissertação. Com isso, a professora mostrou a estrutura dessa tipologia textual e, em seguida, entregou aos alunos um texto (mestiço), com os parágrafos desordenados e pede para que eles os ordenem segundo a estrutura de um texto dissertativo: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Os resultados foram insatisfatórios, pois apesar do texto ter sido muito extenso, a professora limitou-se apenas nas explicações quanto à tipologia. Ela deveria ter escolhido trabalhar com um texto menor que pudesse facilitar a identificação de sua estrutura. Feita a correção da atividade, o próximo passo seria, enfim, a produção textual.

4 ESCRITA: DOM, PRODUTO OU PROCESSO?

Muitas vezes, os alunos são postos mediante à situações que exigem a produção de textos sem nenhuma preparação prévia envolvendo atitudes de pesquisas, sobre o conteúdo trabalhado, ou sem



conexão com o contexto sócio-histórico-cultural do aluno, ignorando que a escrita é uma prática social, como afirma Garcez (2002), que nos conecta com o mundo, estabelecendo uma relação de comunicação entre os falantes. Por isso, devemos considerar que quando escrevemos, o fazemos para alguém, ou seja, sempre estamos pensando num sujeito social para quem o texto se destina, e em todo um contexto de produção para elaboração de um texto adequado a determinada situação de uso. E nesse processo de adequação do gênero e linguagem ao destinatário que é preciso muito trabalho para aperfeiçoamento do texto através da reescrita.

Ao continuar as aulas, a professora apresentou um comando da redação do ENEM 2007, trazendo poucos textos e imagens para auxiliar na escrita dos alunos.

Figura 1

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Ninguém = Ninguém
Engenheiros do Hawaii

Há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há tanta gente pelas ruas
há tantas ruas e nenhuma é igual a outra
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente minta
(se é que sente) a mesma indiferença

há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há palavras que nunca são ditas
há muitas vozes repetindo a mesma frase
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente minta
(desconsideradamente) a mesma mentira

todos iguais, todos iguais
mas uns mais iguais que os outros

Uns Iguais Aos Outros
Titãs

Os homens são todos iguais
(...)
Brancos, pretos e orientais
Todos são filhos de Deus
(...)
Kaiowas contra xavantes
Árabes, turcos e iraquianos
São iguais os seres humanos
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros
Americanos contra latinos

Já nascem mortos os nordestinos
Os retrantes e os jagunços
O sertão é do tamanho do mundo
Dessa vida nada se leva
Nesse mundo se aguilha e se reza
Não importa que língua se fala
Aquele que une é o que separa
Não julgue pra não ser julgado
(...)
Tanto faz a cor que se herda
(...)
Todos os homens são iguais
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

UNESCO Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural

Todos reconhecem a riqueza da diversidade no planeta. Músicas, cores, sabores, texturas, sons encantam as pessoas no mundo todo; nestas todas, entretanto, conseguimos conviver com as diferenças individuais e culturais. Nesse sentido, ser diferente já não parece tão encantador. Considerando a figura e os textos acima como motivadores, redija um texto dissertativo-argumentativo a respeito do seguinte tema:

O desafio de se conviver com a diferença

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Seleccione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O rascunho pode ser feito na última página desta Caderno.
- A redação deve ser passada a limpo na folha própria e escrita a tinta.

ENEM 2007 PROVA 1 - AMARELA - PÁGINA 1 ENEM 2007

Fonte: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2007/2007_amarela.pdf

Na figura 1, temos o comando de redação do ENEM 2007, 2ª etapa, que foi introduzido por imagens de pessoas brancas, negras, velhas, índios, crianças, pobres e ricos e a letra das duas músicas, “Ninguém = Ninguém” de Engenheiros do Hawaii e “Uns Iguais Aos Outros” de Titãs, expressando opiniões distintas, sendo que esta defende que os homens são iguais, e a primeira prega a diferença existente entre as pessoas.

Na proposta de redação acima apresentada, são fornecidos alguns textos com poucas informações e imagens, pressupondo-se que o aluno já sabe a respeito do tema e não precisa ler

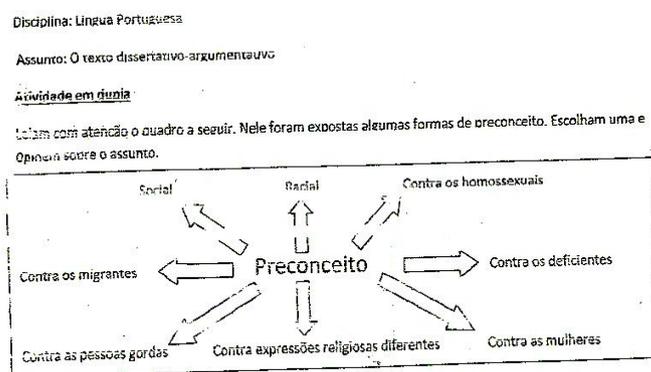


nenhum material que sirva de apoio para a elaboração do texto. Neste caso, a proposta apresentada pela professora deixa a entender uma escrita como dom.

4.1 LEITURA, EXERCÍCIOS E ESCRITA

Depois de apresentada a proposta de redação, seguiu-se uma série de atividades elaboradas com o intuito de fazer a turma refletir sobre o assunto e explorar textos contendo informações que podem dar sustento aos argumentos contribuindo para a realização da atividade final, a produção do texto.

Figura 2



Fonte: Material fornecido pela professora.

Na figura 2, tem a palavra “preconceito” centralizada no meio da tabela, e na periferia os seus tipos: social, racial, contra os homossexuais, deficientes, mulheres, gordos etc. A partir dessa tabela, foi pedido que, em dupla, escolhessem uma dessas formas de preconceitos para desenvolvê-lo em escrito para depois reproduzi-lo oralmente, expressando os conhecimentos que já tinham sobre o assunto. E, para complementar os conhecimentos foram debatidos em sala de aula outros textos com a mesma finalidade; adquirir conhecimento sobre tema.

Com isso, fica evidente o uso de leituras de vários textos bem como resoluções de exercícios com o intuito de adquirir conteúdo para a exposição do mesmo no texto dissertativo argumentativo que foi produzido. Assim, podemos detectar, nesses conjuntos de exercícios e atividades realizadas pela professora na turma, fortes marcas de uma concepção de escrita como produto, uma vez que utiliza textos como pretextos para construção de outros textos. E como escrita de produto, Sercundes (2000) caracteriza estas como sendo produções de um leitura, uma pesquisa de campo,



uma palestra, um filme, um passeio, enfim cada um desses itens será um pretexto para se realizar um trabalho escrito.

A iniciativa de promover a leitura de textos diversos bem como resolução de exercícios para melhor compreendê-los é muito importante para a construção de um texto bem fundamentado que tenha qualidade no seu conteúdo, afinal, só produzimos textos, escritos ou orais, se tivermos o que escrever ou falar. Por isso, a estratégia da professora é muito eficaz porque fortalece os conhecimentos dos alunos, fazendo-os se sentirem mais seguros no ato da escrita. Mas, por outro lado, é falha, pois ignora três aspectos fundamentais no processo da escrita: destinatário, suporte e reescrita.

4.2 PARA QUEM ESCREVO?

Outro problema que se destaca é de o aprendiz não saber para quem vai escrever. Não há nada mais perturbador e frustrante para um aluno na hora de redigir uma redação escolar, do que escrever sem entender quem é o destinatário daquele texto. Como lembra Antunes (2003, p.46), “escrever sem saber para quem é, logo de saída, uma tarefa difícil, dolorosa e, por fim, é uma tarefa ineficaz, pois falta a referência do outro, a quem todo texto adéqua-se”. Quando estamos escrevendo, é óbvio que temos em mente para quem vamos escrever, porque “quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e como fazê-lo. (ANTUNES, 2003, p. 46).

A redação foi solicitada com o objetivo de preparar os alunos para o Enem e, muitas vezes, a construção de um texto é visto como a preparação de um bolo que se pega uma receita e segue suas instruções. Sabemos que para escrever bem não existem receitas, e sim, muito esforço e insistência para o aprimoramento de nossa escrita. Caberia à professora ter acrescentado, em sua prática, um destino e uma reescrita, pois, o aperfeiçoamento do texto si dá através dela, deixando de ser apenas um produto de uma atividade de leitura feita na escola e passaria a ser uma escrita como processo.

Na redação proposta pela professora não é dado um destino para ela, dessa forma se torna muito difícil, doloroso, como diz Antunes (2003), para alguém escrever um texto dessa natureza, e sem saber quem é o destinatário, dificulta na elaboração do mesmo, pois precisamos fazer referências a diversos aspectos de nossos conhecimentos a respeito do meu leitor, como, por exemplo, a que classe social pertence, nível de escolaridade etc. Portanto, essa proposta é



inadequada diante da escrita como processo defendido acima pela autora, uma vez que a linguagem escrita é uma forma de interação do ser humano, ou seja, interação entre dois ou mais sujeitos sociais.

4.3 DESENVOLVIMENTO, ESCRITA E EFICIÊNCIA

A maioria das pessoas convive a todo o momento com a escrita, desde o envio de um sms ou e-mail, até uma prova de seleção de concursos públicos, vestibulares, mestrado ou doutorado etc. Cada esfera dessas que utilizamos a escrita, usam-na de modo diferente, escolhendo o gênero adequado para cada situação de comunicação. E existem situações que devemos produzir textos enxutos, claros, concisos, coesos e coerentes. Para isso, precisamos exercitar muito, fazer com que a escrita faça parte de nosso cotidiano, tentar escrever melhor a cada dia. Será que na escola acontece dessa forma? Inseridos num questionário, para a professora e uma aluna as seguintes perguntas:

- a) Como são divididas as aulas de língua portuguesa?

Professora: *Faço uma alternância entre os estudos de literatura, gramática e produção textual.*

- b) Quantas aulas de redação a sua turma tem por mês?

Aluna: *Não sei dizer, é aleatório, mas já fazia um bom tempo que não tínhamos, acho que é uma por mês.*

Em (b) a aluna revela, inserta em seu dizer, que uma vez por mês é realizado esse trabalho. Quando percebemos que estamos diante de uma turma de 3º ano médio, na qual, certamente, a maioria estará prestes a entrar numa universidade, notamos que essa quantidade de aulas é insuficiente para desenvolver bons redatores, pois a escrita deve fazer parte do cotidiano escolar e o aluno incentivado a acreditar que pode escrever bons textos, mas, para isso, assumir as dificuldades enfrentadas ao se deparar com a linguagem é fundamental.

Uma redação por mês, alguns exercícios esporádicos de produção de pequenos textos não formam um bom redator. É necessário escrever sempre, escrever todos os dias, escrever sobre assuntos diversos, escrever com diversos objetivos, escrever em diversas situações, pois para escrever bem, deve-se ter um compromisso sério com a escrita, escrever todos os dias. (GARCEZ, 2002, p. 06).

Mas essa visão se contradiz totalmente com a defendida pela professora, no exemplo (a), sobre a escrita, porque ela faz uma alternância das aulas de redação e não conduz os alunos a escreverem sempre, todos os dias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Podemos concluir que escrever exige de nós tempo, esforço e dedicação, sendo incompatível com a preguiça, pois devemos escrever sempre, todos os dias, reescrevendo um texto várias vezes, até chegar a uma versão satisfatória. Além disso, devemos escrever pensando num destinatário para que possam ser feita várias escolhas como, por exemplo, adequar a linguagem, gênero, etc. Feito isso, a produção de textual não pode se denominar mais como um dom ou produto, mas, como um processo demorado que permite o aperfeiçoamento de nossa prática.

Diante disso, percebemos que a concepção de escrita utilizada pela professora foi como produto, pois ela utilizou-se de atividades que envolviam textos como “Mestiço”, e trabalhou a escrita e oralidade, que serviam de embasamento para a produção da dissertação. E esse texto não teve um destinatário nem uma reescrita, o que implica dizer que o texto produzido é consequência de algum trabalho realizado.

Com isso, o que se percebe é que quando ela permitiu que assistíssemos suas aulas, seu método mudou, utilizando-se de vários recursos materiais como xerox de textos distribuídos aos alunos e roteiro de aula, algo que não é do consume (relato de uma conversa informal com uma aluna). Portanto, percebemos que ao ter conhecimento sobre o trabalho que seria realizado, a professora acabou tentando fazer diferente, fato que não a ajudou muito, pois entendemos que ela quis nos impressionar, tentando ministrar suas aulas de uma forma mais atrativa.

Devemos despertar em nossos alunos o prazer em escrever, fazendo-os entenderem que o processo de construção do texto é demorado e doloroso, que existem idas e vindas, como diz Garcez (2002). Ninguém escreve do dia para a noite, é preciso desempenho, tempo e dedicação. Precisamos mostrar para nossos alunos que escrever dá trabalho, e quanto mais escrevemos, mais ganhamos facilidades em escrever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**. São Paulo: Parábola, 2003.

GARCEZ, Lucília. **Técnicas de redação: O que é preciso escrever para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GERALDI, Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo. Ática, 2000.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SERCUNDES, Maria Madalena. **Ensinando a escrever**. In: Aprender e ensinar com textos de alunos. São Paulo: Cortez, 2000.

Vídeo com entrevista de Ruben Alves. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=IEX9bOeTMZg>>. Acessado em 07 de setembro de 2015.